I.

Conselho Europeu aprova Brexit e declaração política que estabelece relação futura entre o bloco comunitário e Londres.

Em França, subida do imposto dos combustíveis leva milhares de pessoas às ruas de várias localidades do país. 130 detidos e 24 feridos é o balanço feito pelas autoridades.

Hoje ainda nesta edição: Organização Mundial do Comércio vai analisar queixas da União Europeia, China e outros países à subida das tarifas do aço e alumínio impostas pelo governo norte-americano.

II.

Os chefes de Estado e de Governo dos países da União Europeia aprovaram este fim-de-semana o acordo para o Brexit. Bruxelas deu luz verde também ao documento com as bases para a negociação da futura relação com Londres.

Andrea Neves da Antena 1.

Está dado o aval político. O presidente do Conselho Europeu anunciou, na rede social twitter, e pouco depois eram conhecidas as conclusões desta cimeira extraordinária. São três pontos nos quais se confirma o acordo e se pede à Comissão Europeia e ao Parlamento Europeu, que ainda tem de o ratificar, que tomem as medidas necessárias para que a saída se torne efectiva a 30 de Março do próximo ano. O Conselho quer também que, aprovada a declaração política sobre a relação futura, a mesma seja acordada o mais rapidamente possível. E os 27 agradecem a Michel Barnier pelo trabalho feito. E o negociador chefe da União Europeia recorda que é o fim da união, mas não o fim da parceria.

"Este acordo é um passo necessário para construir a confiança entre A União Europeia e o Reino Unido. Precisamos desta confiança para

construir a próxima parceria inovadora e ambiciosa. Continuaremos aliados, parceiros e amigos".

Esta cimeira extraordinária fica marcada por uma imagem serena dos chefes de Estado e de Governo, pontuada por alguma tristeza, como realçou o Presidente da Comissão Europeia Jean-Claude Juncker.

"Eu voto a favor deste acordo, porque é o melhor possível. Estou triste, porque ver o Reino Unido sair é sempre um momento de tristeza. Fizemos todos os possíveis para fazer com que este divórcio fosse o mais suave possível, mas não há divórcios suaves".

Tristeza é também uma palavra usada por António Costa, que diz que esta cimeira provoca sentimentos mistos.

"Por um lado a tristeza, por ser mais um passo que torna definitiva a saída do Reino Unido, mas ao mesmo tempo de alívio, pelo facto de ter sido possível chegarmos a um acordo e termos evitado o pior, que era um Brexit descontrolado, não organizado".

O presidente do Parlamento Europeu, que já tinha garantido que este acordo dá resposta às questões essenciais, quer agora que a relação futura seja ainda melhor que o divórcio".

"Creio que é um bom acordo para as duas partes. Agora temos que encontrar um caminho para o futuro".

Resta esperar pela ratificação deste acordo no Parlamento Europeu e também que o parlamento britânico o aceite. Para já este dia vai ficar para a história.

+++

Esta cimeira europeia chegou a estar em dúvida devido a um braço de ferro entre Espanha e Reino Unido por causa de Gibraltar.

Para Madrid, era fundamental que ficasse escrito que nenhum acordo futuro entre Bruxelas e Londres fosse aplicado no território ultramarino britânico, cedido em 1713, mas ainda hoje reivindicado pelas autoridades espanholas.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está o nosso comentador residente Victor Ângelo.

Começávamos precisamente por Gibraltar, fisicamente colado a Espanha, governado por Londres. O que é que tem de tão importante para poder pôr em causa o Brexit?

É uma questão de soberania. Para os espanhóis é muito importante mostrar que a Espanha continua a reivindicar a soberania sobre Gibraltar e, por isso, é que à última hora o governo espanhol e o primeiro-ministro em particular resolveu novamente lembrar à União Europeia e em particular lembrar ao Reino Unido que não se pode tratar do futuro das relações entre o Reino Unido e a Europa sem ter em conta que a Espanha considera que a situação em Gibraltar é uma situação anacrónica do ponto de vista histórico.

E o que é que pensa o resto da União Europeia sobre este assunto?

Para a União Europeia é importante ter o governo espanhol alinhado com o resto dos países europeus. O Governo espanhol e a Espanha são actores importantes na política europeia e evidentemente Gibraltar, embora seja um rochedo com 30 mil habitantes, é politicamente muito significativo... embora seja evidentemente também uma contradição, porque na realidade a Espanha reivindica soberania sobre Gibraltar, mas ao mesmo tempo nunca resolveu o problema de Olivença em relação a Portugal, embora os tratados internacionais e a jurisprudência internacional reconheçam que Olivença deveria ser devolvida a Portugal. E, além disso, a Espanha continua a ter territórios coloniais ou tipo colonial no Norte de África. É o caso nomeadamente da famosa cidade de Ceuta.

Victor, e porque é que só agora se está a falar em Gibraltar?

Estamos à beira de eleições na província da Andaluzia, que é a província onde está integrada Gibraltar. E, por outro lado, o próprio primeiro-ministro espanhol precisa de mostrar aos eleitores espanhóis - que são muito nacionalistas - que ele não se esquece de uma questão fundamental para os espanhóis e nomeadamente para os nacionalistas espanhóis. Ele tinha sido acusado pelo centrodireita e pelos nacionalistas tradicionais como não tendo dado suficiente atenção às reivindicações sobre Gibraltar е evidentemente à última hora ele quis mostrar que a sua voz pesa e ele, aliás, fê-lo pesar de uma maneira muito clara ao dizer que se a questão de Gibraltar não fosse resolvida satisfatoriamente, a Espanha vetaria o acordo com o Reino Unido sobre o Brexit.

E em relação ao acordo, o que é que se pode esperar para os próximos tempos?

Esta foi a parte mais simples. A fase mais complicada é a votação em Westminster, no Parlamento do Reino Unido. Essa votação provavelmente irá ter lugar a 12 de Dezembro, na véspera do próximo Conselho Europeu, e a senhora Theresa May quer vir ao Conselho Europeu com a questão votada já no Parlamento britânico e, muito provavelmente, todas as previsões dizem: o parlamento britânico irá votar contra este acordo. Ou seja, nós vamos ter dentro de duas semanas uma situação de extrema confusão, não só no Reino Unido, mas também de indecisão em relação ao futuro da relação entre a União Europeia e a Grã-Bretanha.

O que é que ainda pode travar o chumbo no parlamento britânico?

A táctica de Theresa May é fazer uma campanha junto do eleitorado britânico. Ela vai começar, aliás, já começou uma campanha directa junto do eleitorado britânico. Escreveu uma carta, diz ela, a cada cidadão do Reino Unido; vai percorrer o país de Norte a Sul a fazer campanha pela aprovação deste acordo com a União Europeia e ela pensa que com isso e com outro tipo de pressões sobre os deputados do seu partido, ela vai conseguir a maioria necessária para fazer aprovar no parlamento britânico o acordo.

# III.

# Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

Entretanto, em França, Emmanuel Macron atravessa o pior momento político desde que assumiu a presidência do país. A subida do imposto dos combustíveis levou milhares de pessoas às ruas de várias localidades francesas. Mais com a jornalista Marta Melo.

130 pessoas detidas, das quais 42 na capital, e 24 feridos. São dados oficiais das manifestações dos "coletes amarelos" em várias localidades de França, no sábado. As autoridades registaram cerca de 106 mil manifestantes. Há uma semana eram 282 mil.

Nos Campos Elísios, em Paris, a polícia tentou controlar os participantes através do lançamento de granadas de gás lacrimogéneo, com canhões de água e perímetros de segurança.

O presidente francês, Emmanuel Macron manifestou "vergonha" pela violência que marcou estes protestos, nomeadamente em Paris, denunciando os que "agrediram" as forças da ordem e outros cidadãos.

Os "coletes amarelos" são um movimento cívico à margem de partidos e sindicatos, criado nas redes sociais e alimentado pelo descontentamento da classe média-baixa. Surgiu inicialmente como protesto contra o aumento dos combustíveis, mas foi alargando o descontentamento em relação a várias medidas do presidente francês.

Victor, estas manifestações e as sondagens levam a crer que os franceses querem a demissão de Emmanuel Macron. Que leitura fazer destes acontecimentos?

O presidente Macron perdeu muita popularidade. Neste momento, o seu nível de popularidade é apenas de um francês em cada quatro, que ainda o apoia. Ora, isto é muito difícil de gerir, tendo em conta que quando ele foi eleito, ele representava uma nova classe política, representava uma nova esperança e, em certa medida, para os franceses, significava uma mudança para melhor. Mas a verdade é que existe um mal-estar muito grande em França, um empobrecimento das classes médias; a vida é cada vez mais complicada e mais difícil nas grandes periferias dos grandes centros urbanos; e as pessoas evidentemente sentem-se traídas nas suas esperanças, ou seja, tinham apostado numa presidência Macron que renovaria o país, que traria uma prosperidade, uma facilidade, digamos assim, de vida que tinha desaparecido, em certa medida. E neste momento, eles sentem que as condições de vida e nomeadamente o custo de vida em França tem aumentado de maneira espectacular e a verdade é que neste momento o presidente francês Emmanuel Macron tem que dar a volta a esta situação, tem que sobretudo sair daquele quadro em que o colocaram, que diz fundamentalmente o seguinte: Macron é o presidente dos ricos, um político liberal. E ele tem que sair deste tipo de quadro de referência.

Mas e o que é que Macron pode fazer para se distanciar dessa ideia, desse rótulo?

Ele tem que fundamentalmente mudar o discurso político, essa é a primeira questão, porque ele continua a ter um discurso muito distante e muito elitista. Ele tem também que criar ao nível da comunicação social um outro tipo de relacionamento, em que a comunicação social deixe de o apresentar como o presidente distante, como o presidente das classes mais educadas e dos mais ricos e que mostre que ele se preocupa com a transformação da França num país que favoreça as classes laboriosas. Mas também tem, ao mesmo tempo, que tratar de questões muito concretas, como, por exemplo, as questões dos impostos. E por outro lado também ainda o presidente francês tem que mostrar claramente que há uma preocupação em se ocupar das populações que estão nas pequenas cidades e nas zonas rurais.

E o que dizer sobre os actos de violência observados sobretudo na capital francesa?

Há aqui dois aspectos importantes. Por um lado, o facto de a violência ter ocorrido pela primeira vez na Avenida dos Campos Elísios, que é uma avenida emblemática no que diz respeito a Paris; o facto de que não só as manifestações decorreram aí, mas também de que foram aproveitadas, como é costume, por grupos de vândalos, que tentaram destruir o máximo possível da propriedade pública. E curiosamente, pela primeira vez, a polícia conseguiu proteger as grandes lojas, as lojas de luxo, as lojas de marca e não houve pilhagens, mas houve muita destruição, por exemplo, dos semáforos, e todos os bens públicos que estão nas ruas. Eu penso que também é muito importante sublinhar o facto de que estas manifestações de vandalismo foram manifestações que foram provocadas por pessoas que se aproveitaram das manifestações dos coletes amarelos. Não creio que se possa ligar as manifestações dos coletes amarelos aos actos de violência e de vandalismo que tiveram lugar. Os coletes amarelos são nomeadamente pessoas da vida quotidiana, pessoas com um nível de vida que tem sido muito afectado e que tem vindo a baixar, mas que são pessoas relativamente pacíficas e que não fazem este tipo de destruições.

E outras manifestações de sábado e essas, talvez tenham passado despercebidas, foram aquelas que assinalaram o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher.

Exacto, esse foi o grande problema. Na mesma altura em que havia esta agitação provocada pelos coletes amarelos, houve uma série de manifestações, de demonstrações públicas, nomeadamente em Paris, de pessoas que lembravam que a violência contra as mulheres continua a ser uma grande preocupação social, nomeadamente em França. Em cada três dias há uma mulher que é assassinada, ou pelo seu companheiro, ou pelo seu marido, ou pelo seu ex-companheiro ou pelo seu ex-marido. E, além disso, também em França há uma média de 250 violações por dia, ou seja, um número absolutamente inaceitável. E esta questão da violência contra as mulheres continua a ser, mesmo no centro da Europa, uma questão muito importante e uma questão que deve ocupar um lugar proeminente na agenda política e social europeia.

### IV.

E outro tema aqui no Magazine Europa: A Organização Mundial do Comércio concordou com o estabelecimento de painéis para ouvir as queixas de um grupo de países sobre as tarifas impostas pelos Estados Unidos ao aço e alumínio importado. As reclamações partiram da União Europeia, Noruega, China, Canadá, México, Rússia e Turquia.

Recorde-se que o Presidente dos Estados Unidos Donald Trump, alegou questões de segurança nacional para impor tarifas de 25% sobre a importação do aço e de 10% sobre o alumínio.

A Organização deu luz verde também a um pedido de Washington para o estabelecimento de três painéis para julgar a legalidade de tarifas impostas pelo Canada, China, México e União Europeia como retaliação.

Victor, o que é que se espera destas avaliações?

O sistema de resolução de disputas da Organização Mundial do Comércio tem funcionado, ou seja, são criados estes painéis, as queixas são ouvidas, há uma arbitragem, e normalmente estas arbitragens são positivas, ou seja, acabam por dar resultado. No

caso dos Estados Unidos, é muito provável que assim não aconteça, ou seja, é muito provável que mesmo que os painéis consigam chegar a uma conclusão e que reconheçam, por exemplo, que os Estados Unidos não têm razão ao invocar razões de segurança nacional, é muito provável que os Estados Unidos não venham a cumprir as decisões tomadas nos painéis. Muito provavelmente o sistema de resolução de disputas vai ser posto em causa exactamente por um dos países que tinha sido o país ou um dos países que havia constituído e havia apostado imenso neste tipo de esquemas para a resolução de conflitos comerciais entre os diferentes países.

E se a OMC achar que Donald Trump não tem motivos para taxar estes produtos, isto pode levar a que os Estados Unidos abandonem a organização?

Eu penso que sim, penso que provavelmente será essa a resposta americana. Eles têm duas possibilidades de resposta: ou aceitam a decisão do painel e modificam as medidas tomadas, ou então não aceitam essas decisões, e a consequência lógica - e tendo em conta o tipo de política que o presidente americano tem vindo a seguir - é de voltar a reflectir sobre a sua pertença à Organização Mundial do Comércio e provavelmente tomar a decisão de sair.

E para terminar, recuamos uns dias. O Victor veio a Macau na semana passada para participar em duas sessões da `Conferência Jean Monnet 2018´. Um balanço desses dois debates.

Correu tudo muito bem, quer na Universidade de Macau em que se falou das relações entre a Europa e a China e da necessidade de olhar para essas relações de um modo positivo. É evidente que há grandes divergências, é evidente que há grandes diferenças em termos políticos e de valores, mas também é verdade que há muitos interesses comuns a partir dos quais é possível alicerçar uma relação profunda entre a China e a União Europeia. Na Fundação Rui Cunha, a mensagem era sobre o populismo e os perigos do populismo, e sobretudo os perigos do populismo de extrema-direita para a estabilidade e a democracia na Europa. Eu penso que também aí houve uma discussão muito interessante. Além disso, eu tive oportunidade de dar várias entrevistas a órgãos de comunicação social local e penso que essas entrevistas mostraram a qualidade do jornalismo que se pratica em Macau.

# V.

Victor Ângelo aqui ao telefone connosco todas as semanas no Magazine Europa.

Terminamos hoje com uma nota sobre a Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México. Portugal é o país convidado este ano. Segundo a programação, o evento conta com a presença de vários escritores portugueses. António Lobo Antunes e Gonçalo M. Tavares são alguns dos exemplos. Destaque ainda para a evocação do escritor José Saramago, Nobel da Literatura. Hoje ficamos por aqui. Regressamos para a semana.

# [ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.